

NUNO GRANDE

# CUMPLI CIDADES

NOS PERCURSOS DE ÁLVARO SIZA  
E EDUARDO SOUTO DE MOURA



CUMPLICIDADES:  
NOS PERCURSOS DE ÁLVARO SIZA  
E EDUARDO SOUTO DE MOURA

NUNO GRANDE

CIRCO DE IDEIAS



Editora  
Circo de Ideias  
www.circodeideias.pt

Direcção  
Magda Seifert  
Pedro Baía

Coordenação editorial  
Pedro Baía

Título  
Cumplicidades: Nos percursos de  
Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura

Autor  
Nuno Grande

Prefácio  
Joana Couceiro

Apoio editorial  
Catarina Matos  
Eduarda Silva

Design gráfico  
Ana Resende

Paginação  
Catarina Matos

Impressão  
Gráfica Maiadouro

ISBN  
978-989-53415-6-6

Depósito Legal  
XXXXX/XX

*Em memória de Jean-Louis Cohen,  
cúmplice e entusiasta do que insistimos  
chamar de “arquitetura portuguesa”.*

## NOTA INTRODUTÓRIA

Nuno Grande

Esta selecção de textos abarca cerca de 20 anos de escrita em torno do pensamento e da prática da arquitectura em Portugal, particularizada nas “cumplicidades” construídas por dois protagonistas: Eduardo Souto de Moura e Álvaro Siza.

Poderia ter sido em sentido inverso, mas a verdade é que comecei a escrever primeiro sobre o percurso de Souto de Moura, por volta de 2004, por sua indicação a vários editores portugueses e estrangeiros – provavelmente lembrando-se que, enquanto seu aluno, mantivemos alguns acesos debates, dentro e fora do espaço da aula. O Eduardo sempre gostou de pessoas que o desafiem, e que lhe apontem, por exemplo, como a arquitectura portuguesa sofreu uma espécie de “souto-de-mourização” ao longo da primeira década do presente milénio, questão a florada na entrevista que lhe fiz para a revista *El Croquis*, dois anos antes de ser galardoado com o Prémio Pritzker de 2011.

Consciente dessa influência involuntária, Souto de Moura teve a inteligência de realizar diferentes inflexões na sua obra, que muito surpreenderam os seus principais seguidores, mas sobretudo os seus detractores. Das casas-caixa – do tipo “micro-ondas”, como ele gosta de lhes chamar – ao “palácio escarlata” que desenhou para a pintora Paula Rego, os textos que agora publico abordam uma década decisiva do seu percurso, onde se incluem os primeiros saltos de escala (infra)estrutural na sua obra: a rede de Metro do Porto e o novo Estádio Municipal de Braga. Nesse trajecto, descrevem-se ainda as aproximações conceptuais que Souto de Moura foi estabelecendo com autores de diferentes tempos da arquitectura – tão distintos quanto K. F. Schinkel, Mies van der Rohe, Giuseppe Terragni, Aldo Rossi, Jacques Herzog, Paulo Mendes da Rocha ou Álvaro Siza –, por ele referidos ou citados nas entrevistas editadas neste livro.

Sobre o percurso de Álvaro Siza, venho escrevendo, na última década, com base em convites institucionais para comissariar exposições ou para redigir ensaios em monografias e revistas

editadas em torno da arquitectura portuguesa. Nesse processo, e ao longo do contacto pessoal que fomos estabelecendo, apercebi-me que a relevância de Siza ultrapassa largamente o seu contributo disciplinar, sendo a sua obra um “espelho” eloquente da recente história política, social e cultural de Portugal, e mesmo da Europa contemporânea.

Do projecto da Piscina de Marés, nos anos de 1960, à consagração pública, após obter o Prémio Pritzker de 1992, passando pelo seu contributo para o habitat social no início da nossa Democracia, os textos publicados procuram descortinar o modo como Siza foi nutrindo as suas descomplexadas “cumplicidades” com a história universal da arquitectura – nas evocações de Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto, Adolf Loos ou Bruno Taut, e na sua relação com *compagnons de route*, temporalmente mais próximos, como Vittorio Gregotti, Aldo Rossi, Fernando Távora, Nadir Afonso, Nuno Portas, Alexandre Alves Costa ou, reciprocamente, Eduardo Souto de Moura.

Álvaro e Eduardo sempre trataram “por tu” todos esses “cúmplices”, com eles estabelecendo diferentes “alteridades”, uma metodologia ancestralmente inscrita na criação cultural portuguesa e que já designei criticamente como “universalismo” – termo muitas vezes mal compreendido, por outros críticos, mas que insisto em referenciar neste livro.

A edição está dividida em cinco partes. Os dois capítulos referentes ao percurso de cada um dos autores são intercalados por: um texto de abertura sobre a designada “Escola do Porto”, a que estes estão matricialmente ligados; uma entrevista, a ambos, que realizei com Anne Wermeille para a revista suíça *werk, bauen + wohnen*; e um ensaio final, que analisa os cruzamentos conceptuais e os trabalhos recentes que realizaram em parceria, para a revista japonesa *A+U*.

Através destes ensaios, fui construindo o meu ideário sobre a arquitectura portuguesa, e em particular sobre a sua inscrição em universos culturais que lhe são, simultaneamente, endógenos e exógenos. Mais importante ainda: a partir destes ensaios, sedimente duas gratificantes amizades.

## PREFÁCIO

*Cumplicidades invisíveis*

Joana Couceiro

Personagem incontornável da cultura arquitectónica portuguesa, é a partir do Porto, cidade onde fez a sua formação académica e exerce o seu ofício, que Nuno Grande conquista espaço no contexto internacional, tal como as personagens sobre as quais gravitam os escritos escolhidos para este livro.

Nuno Grande podia ter reunido textos sobre os mais variados assuntos e autores, já que a sua produção no âmbito da Arquitectura e da Cultura Urbana, nomeadamente a portuguesa, é vasta e rica em nuances.

Além da sua investigação em contexto académico, enquanto professor no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra (onde lecciona desde 1993), sobressai a sua actividade como curador e programador cultural, com exposições no país e no estrangeiro, cuja relevância da lente curatorial escolhida tem vindo a confirmar-se, paulatinamente. *O Ser Urbano* de Nuno Portas, *Os universalistas* da Arquitectura Portuguesa ou as *Vizinhanças* de Siza, são disto um exemplo claro e inquestionável. Estes eventos, que Nuno Grande transforma em momentos icónicos (sem, porém, profanar a autenticidade, nem cair na tentação da idolatria), apesar de temporários, efémeros e transitórios (na hipótese mais afirmativa, sem pretenderem ser epifenómenos), acabam por ter um rasto mais profundo. Inscritos nos catálogos das respectivas exposições, permanecem para sempre no debate disciplinar da arquitectura, bem como no espaço público mediado pela comunicação social, através das entrevistas, dos depoimentos ou dos documentários que deixam, escrito no mármore, alguns dos mais significativos testemunhos dos protagonistas das histórias que Nuno Grande nos quer narrar. Algumas dessas narrativas, desenvolvidas no âmbito da sua actividade curatorial, podem, justamente, ser encontradas neste livro, que, com este ensaio introdutório, pretendemos tão-só enquadrar.

Se os escritos escolhidos têm, *per si*, atributos inegáveis (seja do ponto de vista do conteúdo, seja da narrativa, da escrita,

das metáforas, das ideias), a sua reunião e ordem para uma publicação de conjunto comunicam, neste novo formato, um texto “maior”, de maior fôlego, reforçando o carácter ímpar de um pensamento, o do seu autor, não podendo, por isso, ser confundido com uma simples colectânea de textos já publicados. A figura e o fundo resultantes da reunião do que foi escrito, por Nuno Grande, noutros contextos adquire, no seu conjunto, o relevo de uma ideia para a arquitectura, com a qual podemos estar mais ou menos de acordo, mas à qual é muito difícil ficarmos imunes ou indiferentes.

A estrutura, clara e focada em duas figuras incontornáveis da Arquitectura Portuguesa – que, embora possa parecer evidente, é tudo menos consensual à época em que os textos são escritos, sobretudo na geração mais nova do que a sua –, revela-se surpreendente: além de uma ordem cronológica (a que não renuncia) e temática-monográfica (a que também não foge), Nuno Grande acrescenta-lhes outras hipóteses de leitura ao potenciar um guião dramático cuja encenação e ensaio cabem ao leitor (ou não fosse a capacidade dramática também uma das suas qualidades, conhecida talvez apenas por quem lhe é mais próximo).

A sua história propõe duas personagens principais, com visíveis complicitades: primeiro é-nos dado a ver o percurso de Eduardo Souto de Moura e, depois, de Álvaro Siza. A meio, numa entrevista realizada pelo autor, dá-se o seu encontro. As duas partes podem ser lidas de forma autónoma ou em paralelo (alternando entre os escritos de ambas as partes sobre as duas personagens principais).

Independentemente da composição, os textos de Nuno Grande têm em comum um engajamento político e cultural que não prescinde da lente disciplinar da arquitectura, ofício que, inclusivamente, nunca deixou de praticar, talvez consciente da importância desse acto impuro para o exercício da crítica e da sua tessitura escrita.

Para que se compreenda, por exemplo, termos como *implantação, escala, tipo, modelo, forma, composição, proporção, envolvente, cidade*, etc., são largamente usados pelo autor (sem receio de ser acusado de hermético), dando a ver, antes, essa aproximação disciplinar própria de quem também projecta.

Será, aliás, este aparente pormenor o que, como temos vindo a dizer, mais contamina e potencia a sua investigação e escrita. Conhecendo, na prática, os grandes problemas que caracterizam o complexo processo criativo (desde o momento da gestação das ideias, passando pelo problema da sua materialização às mais variadas escalas, bem como pelas exigências da construção do projecto no sempre, e cada vez mais, intrincado espaço do estaleiro da obra), Nuno Grande tem sido, ao longo das últimas duas décadas, um dos principais intérpretes da *arquitectura portuguesa*, contribuindo para a sua compreensão (enquanto fenómeno) e para a sua disseminação (enquanto realidade) dentro e fora de portas.

Uma missão que Grande terá assimilado de Nuno Portas, de quem foi aluno na Escola do Porto, estagiário no GTL de Vila Nova de Gaia e colaborador no Centro de Estudos da FAUP, nomeadamente no projecto *Cidades e Frentes de Água* (investigação, exposição e respectiva publicação, apresentadas no contexto da Expo 98).

Com interesses afins, Nuno Grande acaba por ser o natural discípulo de Portas, acompanhando e estudando intimamente o seu percurso nos campos da arquitectura, da edição, da crítica, da pedagogia, do urbanismo e das políticas públicas. *O Ser Urbano. Nos caminhos de Nuno Portas* (exposição monográfica, com curadoria de Nuno Grande, para a *Guimarães 2012. Capital Europeia da Cultura*), aborda todas aquelas dimensões que fazem de Portas uma personagem fulcral na mediação entre Portugal e o mundo, nomeadamente nos momentos críticos do debate internacional pós-funcionalista, sem o qual “Portugal não teria construído e consolidado a sua cultura arquitectónica contemporânea”, palavras de Grande na monografia *Nuno Portas. 18 obras partilhadas*, editada em 2019 pela Circo de Ideias.

Se, por um lado, Nuno Portas assume durante muito tempo o papel de embaixador de uma “novíssima geração” de arquitectos em Portugal, nomeadamente a partir de 1958, enquanto jovem editor da 3ª série da revista *Arquitectura*, por outro, Alexandre Alves Costa empenha-se na caracterização da “Arquitectura Portuguesa” e no ensino da sua História aos jovens estudantes. Nuno Grande apr[e]ende.

Na prática, nomeadamente curatorial, as propostas de Nuno Grande, partindo sempre da obra arquitectónica, são fecundas na expressão das afinidades e evidências que sustentam a ideia de uma “Arquitectura Portuguesa”, que, não sendo pacífica entre a crítica, é, quanto a nós, manifesto.

*Europa, Arquitectura Portuguesa em Emissão* (título da mostra de Portugal da Trienal de Arquitectura de Lisboa, em 2007, e da representação oficial portuguesa para a VII Bienal de Arquitectura de São Paulo, no mesmo ano, com curadoria de Nuno Grande e Jorge Figueira) demonstra a aproximação de um Portugal periférico à Europa (e ao mundo), por um lado e, em sentido contrário, uma aproximação a si próprio, enquanto país antigo com uma nova democracia.

A propósito do dispositivo curatorial, instalado no Pavilhão de Portugal (desenhado por Siza), os comissários explicavam: “Em ‘Eurovisão’ [um dos núcleos da exposição] expõem-se imagens iconográficas de 11 edifícios que, entre 1955 e 1985, foram testemunho do processo de passagem e transformação da ‘coisa moderna’ em ‘coisa portuguesa’. (...) As imagens destes edifícios são pontuadas cronologicamente por ecrãs que transmitem oito canções portuguesas do Festival da Canção da Eurovisão, o lugar privilegiado de acesso ao palco europeu entre as décadas de 60 e 80.”

O período seguinte era exposto num segundo núcleo, “*Euronews*”, onde as obras escolhidas conviviam com a transmissão em “tempo real” desse canal, colocando a arquitectura portuguesa em directo com o contexto europeu, nomeadamente o político.

Desde então, outras narrativas mediáticas ganharam protagonismo entre nós, quer pela sincronia temporal, quer espacial e participativa. Nuno Grande continua a sua investigação e, uma década depois, regressa ao tema com uma chave de leitura renovada. *Les universalistes. 50 ans d’architecture portugaise* (exposição promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian para integrar as comemorações do 50º aniversário da sua presença em Paris entre 1956 e 2016, em parceria com a Cité de l’architecture et du patrimoine) dá a ver uma selecção de autores/arquitecturas, mais uma vez, na sua relação com o contexto político, social e cultural

do país, no meio século de vida da delegação da Fundação em França, partindo da seguinte tese: “existe um universalismo particular e latente no modo como os melhores arquitectos portugueses [e sublinhamos aqui esta condição] vêm criando as suas obras – de geração em geração –, partindo de um equilíbrio constante entre a herança universal da História da Arquitectura e as especificidades geográficas e culturais dos lugares onde as edificam; isto é, operando na articulação coerente e crítica entre aquilo a que chamamos hoje de ‘global’ e de ‘local’.”

“Um ‘outro’ universalismo”, texto que integra este livro (não por acaso, no conjunto de escritos dedicado à personagem Siza), é, pela primeira vez, publicado em francês – *“Universalisme autre. Sur les traces d’Eduardo Lourenço”* – no catálogo desta exposição cuja itinerância, em Portugal, é acolhida pela Casa da Arquitectura, em 2018, nas novas instalações da instituição.

Tendo começado por ocupar a casa de família de Álvaro Siza, num quarteirão vizinho, a Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura, acaba por retribuir a estadia, abrindo as portas à exposição *Os universalistas. 50 anos de arquitectura portuguesa*, ou seja, revela-nos agora o seu curador, ao próprio Siza.

“Siza é a arquitectura portuguesa”. Sem o dizer, Nuno Grande talvez seja a voz de onde mais ecoa esta manifestação que vem lembrar Távora.

No mesmo ano de *Les universalistes*, Nuno Grande partilha, com Roberto Cremascoli, o projecto curatorial da representação portuguesa na XV Bienal de Arquitectura de Veneza.

*Neighbourhood: Where Alvaro meets Aldo*, resposta portuguesa ao tema “*Reporting from the Front*”, proposto pelo curador geral Alejandro Aravena, é um golpe de asa dos curadores.

À proposta de Rem Koolhaas, curador da anterior Bienal com o tema “*Fundamentals*” (apelando ao Arquitecto um regresso aos elementos essenciais da disciplina, ou, como muitos acusariam injustamente, “voltando a arquitectura para ela própria”), Aravena contrapõe com um tema no campo expandido da disciplina, mediadora de processos que visem a qualidade de vida e o bem-estar das populações.

A resposta portuguesa, na voz de Nuno Grande e Roberto Cremascoli, vem provar que, partindo precisamente da autonomia

disciplinar da arquitectura, e através de boas práticas (ou seja, construindo boa arquitectura), a qualidade de vida e o bem-estar das populações não são subtraídos ao processo, pelo contrário, constituem o seu princípio.

Desde logo, ao deslocarem o pavilhão de Portugal para o estaleiro abandonado, no coração da Giudecca, onde a obra de Siza (decorrente de um concurso internacional para a revitalização do Campo di Marte, a que Aldo Rossi também concorre, em 1983) ficou apenas parcialmente construída, estabelecem uma real aproximação aos habitantes, colocando-os no centro do debate público e promovendo o encontro com o autor das suas casas que, ao contrário do que muitos gostam de veicular, são o resultado (aqui, como no Porto, Malagueira, Haia ou Berlim) de uma leitura muito justa da cidade e dos seus cidadãos.

*Onde Álvaro encontra Aldo* encontra os moradores de S. Victor, ou os pescadores e as mulheres de Caxinas. *Onde Álvaro encontra Aldo*, encontra um Siza em participação desde jovem arquitecto, com associações de moradores da ilha da Bouça, os migrantes de Kreuzberg, as famílias turcas em Haia, ou a vizinhança do Campo di Marte. *Onde Álvaro encontra Aldo* encontra-se consigo próprio também, ouvindo “o outro” sem abdicar, em nenhum momento, do seu papel de arquitecto e da linguagem própria da arquitectura. A estratégia da participação pode ser fecunda quando não abdica da disciplina. Era esta a mensagem deixada pela representação portuguesa à cidade das bienais e dos leões de ouro, aos seus intervenientes e consumistas, temporariamente alojada nas ruínas de uma obra que ficara em toco, por devolver aos habitantes e, nesse sentido, por cumprir.

Em 2019, Nuno Grande mantém a trajectória da sua investigação, coordenando, com Carles Muro, a exposição monográfica *Álvaro Siza in/disciplina* patente em Serralves, no contexto da celebração dos 20 anos de vida do museu, projectado pelo próprio autor. Tratou-se, como referiram os curadores, “de meter a obra e a vida do arquitecto dentro da sua própria arquitectura.”

Neste mesmo arco temporal inaugurou, na Casa da Arquitectura, a exposição *Souto de Moura – Memória, Projectos, Obras*, com curadoria de Francesco Dal Co e Nuno Graça Moura.

“Duas grandes exposições de arquitectura, acontecimento único e imperdível que permitia confrontar a singularidade do percurso e da obra dos dois portugueses galardoados com o Pritzker de Arquitectura”, escrevia Pedro Baía no artigo “Siza e Souto de Moura: descubra as diferenças”. Publicado no jornal *Público*, coincidentemente pelo editor deste livro, coloca-nos um desafio ao qual Nuno Grande parece contrapor com *Cumplicidades*, onde propõe uma leitura dos *percursos de Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura* a partir da crítica que os próprios fazem das suas diferenças. Construindo pontes, ao invés de muros, potenciam encontros felizes como no Museu Abade Pedrosa, em Santo Tirso, mais precisamente no Portal que faz a “dobra” entre o convento barroco de Souto de Moura e a obra nova de Siza.

É este museu que abre o recente número da revista *El Croquis, Eduardo Souto de Moura 2015-2023*, o terceiro dedicado à sua obra. No anterior, publicado em 2009, em resposta a uma das últimas questões colocadas por Nuno Grande, autor da entrevista, Souto de Moura dizia: “Não sei se vai haver um terceiro número... Mas se houver, espero ter atingido a maturidade. É evidente que a minha ambição é ficar codificado, ficar anónimo, porque quando se é codificado fica-se anónimo.”

Nuno Grande tinha razão ao antever um terceiro número dedicado a Souto de Moura e o autor parece ter prosseguido com a sua ambição, afastando-se cada vez mais da “*Boite à habiter*: variações sobre a importância de uma caixa” (título de um dos escritos deste livro), modelo que foi sendo copiado e disseminado pelo território e cujo fenómeno Nuno Grande apelidou, não sem ironia, de “*Souto-de-mourização*” da arquitectura portuguesa.

O que a nova revista vem mostrar é um Souto de Moura a trabalhar com outras escalas, outros programas e com o património com uma aparente naturalidade que, ao contrário, resulta de uma investigação permanente. E se esta monografia abre com o Mosteiro de S. Bento, actual Museu Municipal Abade Pedrosa, “uma obra desenhada a duas mãos” (outro dos títulos deste livro), fecha com um projecto em S. Bento, no Porto, quase invisível, anónimo (apesar da crítica da UNESCO não lhe ter sido favorável, como tem vindo a ser hábito noutros projectos seus e de Siza).

Onde outrora existiu um convento fechado sobre um claustro, está hoje a estação de comboios aberta à cidade. O projecto de Souto de Moura concentra-se nos armazéns devolutos da ala sul da estação propondo a sua requalificação com cafés, bares, etc., bem como o desenho do espaço público contíguo com esplanadas. Naquele mesmo lugar, também Siza se mostra na ausência. Um pequeno buraco no chão assinala o portal de entrada numa outra estação, um espaço basilical subtraído às camadas mais profundas por onde passa o metro. A obra de Siza integra a vastidão da rede metropolitana do Porto, coordenada por Souto de Moura, cuja estratégia para desenhar a “A cidade do avesso” (mais um título de Nuno Grande) passou por distribuir os muitos quilómetros do projecto por diferentes equipas de arquitectos.

Além da arquitectura quase invisível, há, ainda, naquela vizinhança, um imaginário de projectos por cumprir, nomeadamente duas propostas de Siza para a Avenida da Ponte, eixo que resulta de um conjunto de demolições urbanas iniciadas nos anos 40.

Na esquina que liga a *praça de Souto de Moura e a avenida de Siza* (ambas em projecto) e se abre a entrada para o metro (obra de ambos), Nuno Grande também entra no debate com um edifício de residências construído em betão, a “Pedra Líquida” (nome que deu ao seu *atelier*).

Grande, com a sua voz alta e dramática, Siza e Souto de Moura, quase em surdina, discutem o desenho da cidade na presença de Marques da Silva.

Em *Cumplicidades*, Nuno Grande fala-nos do visível, e do invisível também: de Nasoni a Rem Koolhaas, das ilhas proletárias às casas inglesas do Douro, do urbanismo dos Almadás ao território difuso, do Bolhão ao terminal de Campanhã (passando por S. Bento) e, daí, para o mundo. Quais cidades de Italo Calvino.

A semelhança de Eudóxia, cidade visitada por Marco Polo nas suas missões, *O verdadeiro mapa do universo. Uma leitura diacrónica da cidade portuguesa*, Prova de Capacidade Científica (apresentada em Coimbra em 1998), ou o seu doutoramento sobre *Arquitecturas da Cultura: política, debate, espaço. A Génese dos*

*Grandes Equipamentos Culturais da Contemporaneidade Portuguesa* (tese apresentada também em Coimbra, em 2009), mostram a amplitude da produção escrita de Nuno Grande que, estranhamente, acaba por escolher para este livro um díptico pouco ou nada inovador, pouco ou nada arriscado, demasiado disciplinar e totalmente regionalista. Aparentemente.

Quem conhece Nuno Grande sabe que o autor está nos antípodas de desejar ser consensual, que é um crítico do regionalismo, que trabalha nas várias escalas e num campo transdisciplinar alargado e que o seu olhar nos dá a ver uma paisagem caleidoscópica contaminada por um dia-a-dia nómada vivido entre vários contextos urbanos.

Em Coimbra tem feito escola; no Porto tem feito cidade.

Desde a *Porto 2001*, enquanto responsável pela programação de Arquitectura, o seu comprometimento com a cidade extravasa o domínio institucional, envolvendo-se noutros projectos de carácter informal, como a *PechaKucha Night Porto*.

Da escola de Coimbra tem encaminhado alguns dos seus alunos para o Porto, potenciando o trabalho em proximidade e colaboração entre discípulos de ambas as escolas. Este ímpeto de miscigenação (provavelmente herdado do pai – médico, humanista, professor e pensador –, fundador do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar) tem permitido, na prática, o lento florescimento de uma “terceira via”, recordando aqui, mais uma vez, Távora.

Saibamos compreender, com “senso e sensibilidade”, a mensagem de Nuno Grande, ler nas cumplicidades (visíveis, e nas invisíveis também): *Ser urbano[s]* como Nuno Portas; ou *Poetas Populares*, como José Gigante; ou, ainda, *universalistas*, como a *Arquitectura Portuguesa*; e, partindo desta universalidade de que somos herdeiros, construamos outras universidades e vizinhanças.



## ÍNDICE



## ESCOLA DO PORTO

- 01 ESCOLA DO PORTO: UNIVERSALISMO CRÍTICO, p.25  
INFORMALISMO ABSTRACTO  
*Encuentros del Campus Ultzama de 2011*

## CUMPLICIDADES NO PERCURSO DE EDUARDO SOUTO DE MOURA

- 02 *BOITE À HABITER: VARIAÇÕES SOBRE* p.31  
*A IMPORTÂNCIA DE UMA CAIXA*  
*Eduardo Souto de Moura – Habitar*
- 03 A CASA COMO ARQUITRAVE: EDUARDO p.34  
SOUTO DE MOURA, CASA EM CASCAIS  
*architektur.aktuell, n.º12*
- 04 METRO DO PORTO: A CIDADE PELO AVESSESO p.37  
*Espaços, n.º41*
- 05 O PALÁCIO ESCARLATE p.43  
*Casa das Histórias Paula Rego*
- 06 REGRESSO A CASA: UMA CONVERSA p.47  
COM EDUARDO SOUTO DE MOURA  
*El Croquis, n.º146*
- 07 TEATROS DO MUNDO: MUTAÇÕES RECENTES p.73  
NA OBRA DE EDUARDO SOUTO DE MOURA  
*El Croquis, n.º146*
- 08 EDUARDO MÃOS DE TESOURA p.78  
*Mesa, Eduardo Souto de Moura,*  
*30 anos, projectos seleccionados*

## ENTREVISTA

- 09 UM MÉTODO, NÃO UM ESTILO p.83  
ENTREVISTA A ÁLVARO SIZA E  
A EDUARDO SOUTO DE MOURA  
*werk, bauen + wohnen, n.º7*

## CUMPLICIDADES NO PERCURSO DE ÁLVARO SIZA

- 10 PORTUGAL 1974-1976: A REVOLUÇÃO p.95  
DOS CRAVOS E O PROGRAMA SAAL  
UMA RELAÇÃO TRIANGULAR ENTRE  
POLÍTICA, PROCESSO E PROJECTO  
*The Renewal of Dwelling. European  
Housing Construction between 1945-1975*
- 11 UM “OUTRO” UNIVERSALISMO p.107  
*Les universalistes. 50 ans  
d'architecture portugaise*
- 12 PISCINA DE MARÉS: UM *EARTHWORK* p.115  
*Nenhum Sítio é Deserto. Álvaro Siza:  
Piscina de Marés (1960-2021)*
- 13 UMA MÁQUINA NO VALE DO DOURO p.119  
A ADEGA VINÍCOLA DE ÁLVARO SIZA  
*Oris, n.º79*
- 14 TRANSFORMAÇÃO: VIAGEM A UMA p.122  
OBRA DESENHADA A DUAS MÃOS  
*Museu Internacional de Escultura  
Contemporânea*
- 15 NADIR E SIZA: GEOMETRIAS CRUZADAS p.127  
*Nadir, A Arte em Diáspora*

- 16 VITTORIO GREGOTTI E ÁLVARO SIZA: p.130  
AFINIDADES ELECTIVAS ENTRE DOIS  
ARQUITECTOS CONTEMPORÂNEOS  
*Estudos Italianos em Portugal, n.º12*
- 17 VIZINHANÇA: UM PATRIMÓNIO AMEAÇADO p.144  
NA EUROPA CONTEMPORÂNEA  
*Joelho, n.º8*
- 18 ONDE ÁLVARO ENCONTRA ALDO p.156  
*Vizinhaça: Onde Álvaro encontra Aldo/*  
*Neighbourhood: Where Alvaro meets Aldo*
- 19 *FIRST WE TAKE BERLIN,* p.158  
*THEN WE TAKE MANHATTAN*  
*Álvaro Siza, in/disciplina*
- 20 SOMOS TODOS FOTÓGRAFOS? p.168  
REFLEXÕES EM TORNO DA EDIÇÃO  
FOTOGRAFICA DA OBRA DE ÁLVARO SIZA  
*Um Outro Olhar sobre Obras de Álvaro Siza*

#### SENSE AND SENSIBILITY

- 21 *SENSE AND SENSIBILITY: UMA VIAGEM* p.175  
*ATRAVÉS DOS PERCURSOS DE SIZA E*  
*DE SOUTO DE MOURA*  
*A+U – Architecture+Urbanism, n.º582*

**Com base nas cumplicidades estabelecidas por Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura – entre si, mas também com muitos outros autores –, este livro reúne um conjunto de textos a partir dos quais Nuno Grande foi construindo o seu ideário crítico sobre a arquitectura portuguesa.**



9 789895 341566